

Pesquisa e Divulgação do Conhecimento em Rede



Investigación y Difusión del Conocimiento en Red

Organização / Organización

Alexandra Nogueira da Silva

Renata Cristina de S. Nascimento

Rita de Cássia de Oliveira Reis

Xavier Roigè

Colaboração / Colaboración



UNIVERSITAT DE
BARCELONA



Tempeštiva

© Editora Tempestiva, 2022

Todos os direitos reservados / Todos los derechos reservados

Capa / Tapa: Ivan Vieira Neto

Edição / Edición: Ivan Vieira Neto

Revisão / Revisión: Renata Cristina de Sousa Nascimento,
Manuel Ángel González Gómez & Rita de Cássia de Oliveira Reis

Diagramação / Diagramación: Wemerson dos Santos Romualdo

Conselho Editorial

Prof. Dr. Cristiano Nicolini	UFG
Prof. Dr. Dirceu Marchini Neto	UNIFESP
Prof. Dr. Éder Mendes de Paula	UFJ
Profa. Dra. Iara Toscano	UFU
Prof. Dr. Paulo Duarte Silva	UFRJ
Profa. Dra. Maria Cristina N. Ferreira Neto	PUC Goiás

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P474 Pesquisa e Divulgação do Conhecimento em Rede

Pesquisa e Divulgação do Conhecimento em Rede : Investigación y Difusión del Conocimiento en Red / Alexandra Nogueira da Silva et alii. - Goiânia: Tempestiva, 2022.

ISBN 978-65-85142-00-7

1. Investigação. 2. Península Ibérica. 3. Ibero-América.
I. Título. II. Coletânea.

CDD 378.104
CDU 378.147.34

REDE DE ESTUDOS IBÉRICOS E IBERO-AMERICANOS
RED DE ESTUDIOS IBÉRICOS E IBEROAMERICANOS
(REIA)

**PESQUISA E DIVULGAÇÃO
DO CONHECIMENTO EM REDE
INVESTIGACIÓN Y DIFUSIÓN
DEL CONOCIMIENTO EN RED**

Organização / Organización
Alexandra Nogueira da Silva
Renata Cristina de Sousa Nascimento
Rita de Cássia de Oliveira Reis
Xavier Roigè

PESQUISAS SOBRE A APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ADICIONAIS: DO TEXTO ESCRITO A INTERAÇÕES COLABORATIVAS

*Francisco José Quaresma de Figueiredo*¹⁸

Minha experiência como pesquisador se iniciou no meu curso de Mestrado, com uma dissertação sobre os erros escritos em inglês, produzidos por aprendizes brasileiros, defendida em 1995. Posteriormente, após ter compreendido os erros produzidos por brasileiros ao escrever em inglês, realizei, no Doutorado, um estudo sobre um processo colaborativo de correção de erros escritos, conhecido por correção com os pares, tendo o trabalho sido defendido em 2001. Ambas as produções foram convertidas em livros autorais (FIGUEIREDO, 1997, 2005).

Após a defesa de minha tese, comecei a focar as minhas investigações na aprendizagem colaborativa de línguas (BRUFFE, 1999), inicialmente em contextos de interação em sala de aula e posteriormente no meio virtual (FIGUEIREDO, 2006; FIGUEIREDO; SILVA, 2016), bem como sobre a teoria sociocultural de Vygotsky (VYGOTSKY, 1998) que serve de alicerce teórico para os estudos sobre a aprendizagem colaborativa. A aprendizagem colaborativa é uma abordagem construtivista, que se refere a situações educacionais em que duas ou

18 Professor Titular de Língua Inglesa e de Linguística Aplicada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG) desde 1992, onde atuo na Graduação e na Pós-Graduação. Atualmente, sou o Diretor Brasileiro do Instituto Confúcio de Medicina Chinesa da UFG. E-mail: francisco-figueiredo@ufg.br

mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas, tanto em interações em sala de aula ou fora dela, quanto por meio de interações mediadas pelo computador.

Também realizei algumas pesquisas sobre crenças de professores e de alunos sobre o processo de aprendizagem de línguas, bem como sobre fatores afetivos relacionados à aprendizagem de línguas. Assim, minhas pesquisas se concentram em cinco grandes focos de investigação que se dividem em algumas ramificações que podem ser observadas nas orientações que realizei e em minhas publicações¹⁹: a) erro e correção; b) aprendizagem de línguas em regime de imersão e interculturalidade; c) crenças e fatores afetivos; d) aprendizagem colaborativa de línguas; e e) o uso da tecnologia nos processos de ensino e aprendizagem de línguas.

Pesquisas mais recentes

Como coordenei alguns programas de intercâmbio internacional, de 2006 a 2014, junto a CAPES, comecei a pesquisar a respeito da aprendizagem de línguas em regime de imersão sobre a aprendizagem de Português como Língua Estrangeira por alunos intercambistas oriundos de diversos países que estudam na Universidade Federal de Goiás (UFG). De 2018 a 2022, atuei na direção da Secretaria de Relações Internacionais da UFG e comecei a ministrar e a estimular outros professores a ministrar disciplinas no contexto de *teletandem* e de COIL, bem como a fazer pesquisas e orientar pesquisas sobre o contexto de aprendizagem em *tandem*, *teletandem* e COIL.

Na aprendizagem de línguas em contexto de *tandem*, “duas pessoas de línguas maternas diferentes comunicam entre si, com o objectivo de aprenderem uma com a outra” (BRAM-

¹⁹ Todas as minhas produções estão disponíveis em meu currículo lattes e podem ser acessadas em: <http://lattes.cnpq.br/1701940743664871>

MERTS, 2002, p. 17). *Tandem* é a palavra inglesa para se referir a uma bicicleta de dois assentos. Assim, essa palavra evoca a metáfora da colaboração, por retratar o esforço colaborativo de dois ciclistas que pedalam juntos para fazer a bicicleta se mover. A aprendizagem em *tandem* pode ocorrer por meio de interações face a face ou a distância (FIGUEIREDO; SILVA, 2016). De acordo com Figueiredo e Silva (2016, p. 313-314), o “*tandem* presencial, ou *tandem* face a face, constitui-se, de encontros presenciais previamente agendados entre um par de indivíduos em um mesmo espaço físico”. Por sua vez, no *tandem* a distância, os membros do par estão, geralmente, em locais geograficamente diferentes e interagem, por exemplo, por meio de cartas, *e-mails* ou telefone.

De acordo com Figueiredo e Silva (2016), o *tandem* tem três princípios norteadores: reciprocidade; bilinguismo; e autonomia do aprendiz. Quanto ao princípio de reciprocidade, cada aprendiz deve beneficiar-se igualmente da parceria, comprometendo-se a oferecer tanta ajuda quanto receba. No que se refere ao princípio do bilinguismo, os participantes devem usar as línguas envolvidas na parceria em proporções iguais, garantindo, assim, que cada aprendiz possa ter acesso à língua em que o outro é proficiente. Por fim, o princípio da autonomia enfatiza que os aprendizes são responsáveis por sua aprendizagem, ao delimitar os seus objetivos, os conteúdos a serem tratados nas interações e ao decidir sobre como e o que irão aprender. Geralmente, as sessões em *tandem* ocorrem, pelo menos, duas vezes por semana, observando-se esses três princípios.

Alunos de diferentes instituições e de diferentes países podem ajudar uns aos outros na aprendizagem de uma outra língua, bem como ter acesso a aspectos relativos às diferenças culturais por meio da participação em projetos telecolaborativos, e um tipo de projeto telecolaborativo no que tange ao

ensino-aprendizagem de línguas é o *teletandem*. Trata-se de um contexto de aprendizagem de línguas que segue os princípios da aprendizagem em *tandem*, mas é realizado em um contexto virtual, sempre por meio de comunicação síncrona, com a utilização de escrita, leitura e videoconferência (produção e compreensão oral), proporcionada por meio de um *software* ou de um serviço de comunicação, como, por exemplo, Google Meet, Zoom etc.

Uma outra forma de disciplina com cunho telecolaborativo é a realizada na modalidade COIL²⁰ (*Collaborative Online International Learning*). O COIL foi criado na SUNY (*The State University of New York*), em 2006, pelo Prof. Jon Rubin para encorajar o crescimento da aprendizagem internacional cooperativa *on-line* entre a SUNY e seus parceiros internacionais. Conforme afirmam Guth e Rubin (2015, p. 28), o “COIL é inerentemente diferente do ensino a distância *on-line*, pois pressupõe ensino colaborativo e reúne dois ou mais grupos de alunos em locais geograficamente distantes para colaborar em atividades”. Assim, dois ou mais professores de Instituições diferentes trabalham juntos para desenvolver um programa de ensino *on-line* para suas turmas, ministrado na língua estrangeira em que os participantes sejam proficientes, o que vem a contribuir para a internacionalização do currículo. A disciplina a ser desenvolvida pode ser uma já existente – adaptada aos propósitos do COIL – ou uma nova. Para tanto, escolhem um tema a ser trabalhado em uma disciplina, planejam suas aulas e ajustam o programa para que atenda às demandas dos grupos envolvidos. Com isso, haverá uma ampliação do tema a ser desenvolvido, levando-se em conta o contexto de cada turma, bem como há um

20 Uma versão brasileira deste projeto, chamado de BRaVE – Brazilian Virtual Exchange – foi implementado na UNESP, em 2018, para ampliar o plano acadêmico de internacionalização da Instituição.

enriquecimento cultural, na medida em que pessoas de países diferentes irão interagir por um período nas aulas *on-line*, sejam elas síncronas e/ou assíncronas, e poderão reconhecer “como o seu próprio contexto molda suas crenças e ideias” (GUTH; RUBIN, 2015, p. 28). Os estudantes devem desenvolver *projetos colaborativos* sobre o tema trabalhado no curso, que serão desenvolvidos por meio da interação entre os grupos dos diferentes países, de modo que os grupos possam compartilhar informações relevantes, ao outro grupo, sobre o tema do curso, levando-se em conta a perspectiva de cada país. Desse modo, as “tarefas devem ser projetadas de modo que os estudantes dependam um do outro para completá-la²¹” (GUTH; RUBIN, 2015, p. 39). No que tange à avaliação dos estudantes na disciplina, Guth e Rubin (2015) sugerem também que, preferencialmente, até mesmo por questões legais, os grupos sejam avaliados apenas pelo professor original da turma.

Sobre as orientações por mim realizadas

Na minha carreira como professor da UFG, por estar há muito tempo envolvido com as demandas administrativas, tenho orientado, com mais regularidade, dissertações de Mestrado (24) e teses de Doutorado (10), no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG, desde 2001, quando defendi a minha tese de Doutorado e passei a atuar no Programa. Eventualmente, oriento Monografias de cursos de Especialização, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de alunos formandos da graduação e PIBIC, bem como doutores em seu estágio pós-doutoral.

21 Poderão, por exemplo, discutir sobre a existência ou não de políticas públicas de inclusão nos dois países, e, em havendo, quais os efeitos dessas políticas para as pessoas surdas, cegas etc.

A maioria das dissertações e teses de doutorado que orientei tem relação estreita com meus projetos de pesquisa, como vemos a seguir.

Dissertações orientadas

Oito dissertações tiveram como foco os processos de escrita, revisão, correção de erros e avaliação. Cinco dissertações tiveram como foco a interação e a colaboração no processo de ensino e aprendizagem de línguas. Quatro dissertações tiveram como foco as crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas, na perspectiva de alunos e de professores. Três dissertações tiveram como foco o uso da tecnologia nos processos de ensino e aprendizagem de línguas. Duas dissertações trataram do Ensino de Português como Língua Estrangeira. Uma dissertação teve como foco as estratégias de aprendizagem. E uma dissertação teve por foco o ensino de inglês para crianças:

Teses orientadas

Cinco teses tiveram como foco a interação, a colaboração ou a telecolaboração no processo de ensino e aprendizagem de línguas. Três teses tiveram como foco o processo de formação de professores de línguas. Uma tese tratou das questões afetivas no processo de aprendizagem de línguas. E uma tese focou no processo de escrita em língua inglesa.

Atualmente, oriento uma dissertação sobre o processo de correção em inglês, 7 teses de doutorado sobre interações colaborativas e 1 estágio pós-doutoral sobre metodologias ativas no ensino de línguas: a aprendizagem por interação em meio remoto.

Considerações Finais

A aprendizagem colaborativa é uma abordagem na qual os alunos trabalham juntos para discutir sobre uma questão importante, aprender coisas juntas ou criar um projeto. Essa abordagem redefine a relação tradicional aluno-professor, pois as atividades podem incluir debates, resolução conjunta de problemas, produção colaborativa de textos, grupos de estudo, projetos em grupo etc.

Por sua vez, a telecolaboração tem favorecido a aprendizagem de línguas, a discussão sobre questões culturais, o desenvolvimento profissional, a mobilidade e o intercâmbio virtual, o que fomenta o processo de internacionalização das instituições de ensino, por possibilitar a estudantes e a professores discutir sobre temas globais, ampliar a sua compreensão intercultural e a interagir com pessoas de diversas partes do mundo.

Ao utilizar a teoria sociocultural de Vygotsky (1998) e os princípios da aprendizagem colaborativa e telecolaborativa em meus estudos e nos trabalhos por mim orientados ultimamente, tenho contribuído para dar aos aprendizes um papel mais significativo e ativo em seu processo de aprendizagem, tornando-os, pois, mais autônomos nesse processo.

REFERÊNCIAS

BRAMMERTS, H. Aprendizagem autónoma de línguas em tandem: desenvolvimento de um conceito. In: DELILLE, K. H.; CHICHORRO, A. (coord.). *Aprendizagem autónoma de línguas em tandem*. Lisboa: Edições Colibri, 2002. p. 15-25.

BRUFFEE, K. A. *Collaborative learning: Higher education, interdependence, and the authority of knowledge*. London: The Johns Hopkins University Press, 1999.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. *Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas*. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. *Semeando a interação: a revisão dialógica de textos escritos em língua estrangeira*. Goiânia: Ed. UFG, 2005.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (Org.). *A aprendizagem colaborativa de línguas*. Goiânia: Ed. UFG, 2006.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de; SILVA, S. V. Do tandem ao teletandem: estudos sobre o uso da colaboração na aprendizagem de línguas em contexto virtual. In: JORDÃO, C. M. (Org.). *A linguística aplicada no Brasil: rumos e passagens*. Campinas, SP: Pontes, 2016. p. 309-336.

GUTH, S.; RUBIN, J. How to get started with COIL. In: MOORE, A. S.; SIMON, S. (ed.). *Global Networked Teaching in the Humanities*. New York: Routledge, 2015. p. 28-45.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: M. Fontes, 1998.